

A cidade invisível de Paulo Penna

Ana Magalhães – curadora, MAC USP

Recebo em casa uma caixa quadrada, forrada de um tecido azul marinho. Uma espécie de caixa-arquivo, em que leio as palavras “Desenho, fluxo, imagem”. Dentro dela estão 12 impressões em formato *folio*, contendo pequenos textos e imagens. Assim, Paulo Penna havia materializado seu trabalho com a gravura, o desenho e a fotografia, ao qual vem se dedicando nos últimos quatro anos. Cada *folio* contém reproduções de originais realizados pelo artista, sendo cada conjunto introduzido por um texto curto: “Gravura”, “Rios”, “A água e o barco”, “A casa”, “Convívio”, “Debaixo da árvore, um sonho”, “Desenho”, “Um ser que caminha pela cidade”, “Um sonho, o voo”, “Fotografia” e “Mar”. Imagens e textos não criam uma narrativa linear, mas articulam-se entre si para falar da experiência do artista vagando pela cidade. Por acaso, esta cidade é São Paulo, já que é nela que Penna vive. Mas embora haja alguns elementos nos quais a reconhecamos, aqui ela pode ser qualquer grande cidade do mundo contemporâneo. Alguns registros em fotografia das intervenções que Penna fazia com grandes gravuras em lambe-lambe nos muros da cidade, ou aspectos da sua arquitetura industrial, dos rios canalizados, alternados com parques, são indícios da São Paulo contemporânea, mas que ganha aqui certa ideia de “megalópole-modelo” do mundo de hoje.

Entretanto, não estamos mais diante da voracidade pulsante de uma cidade que se refaz a cada momento, na qual pulula a novidade, e do tempo acelerado. Andar pela cidade, para Penna, parece ter dois tempos, duas dimensões: o tempo do abandono – ou daqueles recantos da cidade aonde ninguém mais vai – e o tempo do sonho – desses mesmos recantos imaginados. O sonho está implicado não só em dois títulos dos pequenos textos que acompanham os *folios*, mas também no *folio* intitulado “Mar”: ele parece ser o fim de tudo, isto é, o lugar do escape, da abertura do horizonte, enfim, que vinha se anunciando nas fotografias feitas pelo artista em outros pontos da cidade. Quem conhece São Paulo, sabe o quão difícil é encontrar um horizonte aqui, mas a sensibilidade de Penna vai à caça dele, nos lugares mais imprevisíveis...

Ao mesmo tempo, o horizonte diz respeito aos formatos com os quais o artista trabalha. Partindo de xilogravuras de figuras em escala humana, que são dispostas verticalmente, o formato paisagem, horizontal, vem se medir com a dimensão da figura. A escala da figura é um dado muito importante para Penna, sobretudo porque ele está atento para a inserção de sua presença corporal e sua escala na escala da cidade. O corpo humano reemerge no cotejamento com os troncos e copas das árvores que o artista desenha à aquarela. Os finos traços que esboçam a figura sugerem uma malha de rios e riachos, que também aparecem nas fotografias de barcos e córregos canalizados. É como se fosse tudo uma matéria só. Apesar de Penna trabalhar com vários suportes e técnicas, estes

se entrelaçam para talvez reforçar a ideia de que o artista e o corpo do artista são parte inerente de seu entorno, por assim dizer. Isso é enfatizado pelo fato de que alguns detalhes reproduzidos nos *folios* das xilogravuras originais estão ali em sua escala real.

Xilogravura, desenho, aquarela, gravura em metal e fotografia combinam-se na imaginação do artista para recriar a cidade que não vemos mais. Marco Polo – uma espécie de alter-ego de Italo Calvino, em seu famoso livro *As cidades invisíveis* – fala da cidade “feita das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado”, que “se embebe de uma onda que reflui das recordações e se dilata”. A cidade que emerge das deambulações de Paulo Penna é como a Veneza homenageada por Calvino: uma cidade afetiva, a qual se percorre como um viajante num mundo novo. Há certa melancolia na fantasia que o artista constrói nessa caixa-arquivo da cidade: essa coletânea de objetos transforma-se assim numa caixa de recordações voláteis, quem sabe se reais ou não, uma espécie de Odisseia paulistana.